Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 261-266
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_107

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

Manon Amandio, *Écrire la souffrance au XIXe siècle. Fédor Dostoïevski, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe*. Paris: L'Harmattan, 2023. Pp. 337. ISBN 9782140493218.

Maria do Rosário Neto dos Santos Mariano

Universidade de Coimbra, Portugal
381D-81E8-308C

A obra aqui em apreço resultou da dissertação de doutoramento do autor, na área da Literatura Comparada.

O *corpus* literário que constitui o seu objeto de estudo é considerável, abrangendo a produção mais relevante destes três autores maiores da Literatura e distribuindo-se por géneros literários distintos ou, em certos casos, híbridos. Esse é, aliás, um dos méritos maiores do estudo em apreço, não somente pela visão panorâmica que proporciona ao leitor, relativamente às obras mais significativas destes autores, mas também pela audaciosa e detalhada análise dos seus temas, motivos, mundividências e influências, epocais e autorais, constituindo um trabalho notável de observação comparativa das representações do sofrimento nas obras respetivas.

Estruturada em oito capítulos, acompanhados de uma excelente Introdução, cada um deles contempla um aspeto concreto da amplitude temática que constitui a representação do sofrimento, perspetivado quer no contexto cultural e artístico do Romantismo, nas suas diferentes variações, quer nas idiossincrasias das obras de cada um dos autores convocados: Edgar Allan Poe, Charles Baudelaire e Fédor Dostoïevski. Ao longo de mais de trezentas páginas, Manon Amandio analisa as diferentes variações do tema em cada um dos autores referidos, as suas diversas representações, os motivos mais recorrentes nas obras em apreço e suas figurações distintas, não deixando de aduzir aspetos biográficos, sempre que se revelavam pertinentes para a dilucidação de traços mais enigmáticos, mas focando-se, acima de tudo, na materialidade dos textos, na complexidade das personagens que os povoam, na diversidade discursiva, nas variações semânticas de uma temática tão fecunda como a do sofrimento e, enfim, na miríade de figurações que ela adquire nas obras literárias estudadas.

* **CONTACT Maria do Rosário Neto dos Santos Mariano** Email: mariarosariomariano@yahoo.fr

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

A análise das influências e marcas intertextuais entre Poe, Baudelaire e Dostoïevski, com especial incidência nas influências de Poe sobre os últimos, afigura-se bastante bem documentada e as afinidades ou similitudes são suficientemente evidenciadas: alguns temas e motivos mais recorrentes, o desenho de certas personagens nas quais se revelam traços patológicos ou tendências delirantes, a urbe moderna carcerária e corruptora e a desumanização das condições de vida das classes populares, a melancolia, a tristeza, a solidão e a morte. Aliás, as afinidades espirituais e estéticas entre Poe e Baudelaire foram objeto de múltiplos estudos críticos, sendo as influências do poeta americano e as (menos prováveis) do poeta francês sobre o romancista russo bastante menos analisadas até agora.

Por seu lado, e embora de forma mais oblíqua, no que concerne a certas representações do sofrimento, Shakespeare e o marquês de Sade são apresentados, com propriedade, como autores inspiradores de Baudelaire e Dostoïevski, assim como lord Byron surge enquanto figura inspiradora ou tutelar de Poe e de Baudelaire. Nesse sentido, o autor sublinha, logo na Introdução, mas igualmente em diversos momentos do seu texto, o trabalho de escrita criativa que constituíram as traduções baudelairianas da obra de Edgar Allan Poe, delas decorrendo uma imagem, difundida na Europa, de um poeta maldito, portador de diversos traços patológicos de personalidade e socialmente marginalizado, refugiando-se em universos paralelos do domínio do fantástico e do macabro, reflexo de uma mente infeliz e atormentada. Manon Amandio reconhece com pertinência, nestes traços, também parcialmente presentes em Baudelaire, as influências dos arquétipos do sofrimento patentes no cânone romântico, entre as quais, o mito do génio incompreendido, atormentado e proscrito pela sociedade, associado a outro mito romântico que atribui ao artista uma forma de heroísmo mítico, ao defrontar uma entidade superior maléfica que o condenaria ao sofrimento, convertendo-o numa figura genial, mas amaldiçoada.

Ora, se estes aspetos do “mal de vivre” romântico, considerados pelo autor, são pertinentes para a compreensão da obra poética e narrativa de Poe ou de Baudelaire, não se revelam tão relevantes na interpretação da obra de Dostoïevski, não sendo as doenças do foro da neurastenia, a misantropia ou *fuga mundi*, seguidas de refúgio na natureza e na arte, tópicos ou motivos frequentes nas personagens dostoïevskianas. Com efeito, as representações do sofrimento neste autor não têm, em geral, origem psíquica, mas sobretudo moral e metafísica: em Dostoïevski, designadamente nos romances do *corpus*, *Crime et châtiment*, *L’Idiot* e *Les Frères Karamazov*, as personagens manifestam a sua dilaceração íntima entre o bem e o mal, entre a inspiração divina e a inspiração pagã ou demoníaca, no que às opções e comportamentos diz respeito, chegando a questionar a existência de Deus, devido ao inaceitável sofrimento dos inocentes.

Acresce que o sujeito poético baudelairiano, designadamente nas obras convocadas por M. Amandio no seu estudo, debate-se com idênticos dilemas, assumindo a sua poesia figurações diversas da condição humana, que vão da tentação satânica à inspiração

angélica, dos tormentos cíclicos do mal, ao apaziguamento do bem infinito. Em Poe, diversamente, as diferentes figurações do sofrimento têm origem psíquica, pertencendo ao foro das emoções, sentimentos, perceções reais ou imaginárias, aspetos que o autor realça com rigor nas suas análises sobre a obra do poeta americano.

A questão do fantástico, sobretudo em Poe e Baudelaire, com as suas figurações espaciais, psíquicas e patológicas, é também amplamente documentada e detalhadamente analisada, não somente nos aspetos que tangem a estética gótica própria do romantismo negro, mas também como interpelação dos dois poetas a fenómenos estranhos, do domínio das perturbações do estado de consciência ou simplesmente da ordem do sobrenatural. Paralelamente, a noite, como arquétipo por excelência do romantismo negro, é analisada em obras emblemáticas dos três autores, enquanto temporalidade associada a maus presságios, à angústia do remorso e da morte, ao silêncio tétrico dos espaços subterrâneos e tenebrosos. A associação da noite ao sofrimento encontra-se largamente representada na poesia e prosa destes dois autores.

É verdade que romantismo negro, enquanto vertente sombria do romantismo, aprofunda temas como o mal, o pecado e a culpa, a solidão, a alienação e a loucura, o sofrimento em múltiplas manifestações e a morte. Tal vertente é dominante na produção literária de E. A. Poe, surge intermitentemente na poesia e prosa baudelairianas, está igualmente presente em narrativas de Dostoïevski como as que constituíram o *corpus* da obra em apreço, embora este último autor atribua à reparação moral e à remissão do mal, nas suas personagens, um desígnio salvífico que elas não têm em Poe e raramente se manifesta em Baudelaire. Aliás, dentro do romantismo negro, a corrente gótica, com os seus motivos de ressonância medieval e oscilante entre o maravilhoso e o fantástico, somente em Poe adquire relevância e projeção futura, tendo inspirado toda uma literatura posterior que veio a revelar-se fecunda.

Embora a proximidade e afinidades de Baudelaire e Dostoïevski com Poe sejam, em diferentes fases da obra, sublinhadas e comprovadas textualmente, o poeta francês e o escritor russo recuperam certos temas e motivos poéticos de Poe, mas operam neles uma notória transfiguração, porquanto acrescentam à visão marcadamente psicologista e fantástica de Poe, relativa à mente humana, uma visão de pendor moral e religioso que adensa a dimensão transcendente do espírito, tornando os seus fenómenos irredutíveis à mera explicação psicológica. Assim, a um idêntico fascínio pelo mal, a solidão, a beleza, a loucura e a morte, estes autores respondem com reflexões poéticas sobre a melancolia e o Bem ideal, o sentido da vida e da morte, a relação entre o sofrimento e a ânsia de absoluto, o mal e a redenção, adquirindo as suas obras uma projeção filosófica e teológica que se encontra quase inteiramente ausente da obra de Poe.

Não obstante o capítulo 6 do presente livro ser, em boa parte, dedicado à dimensão religiosa na obra dos três autores, e referir sem ambiguidade a natureza mais “profana” da

obra de Poe, por comparação com a de Baudelaire e a de Dostoïevski, M. Amandio não parece ter considerado a forte influência, no poeta francês, de um catolicismo de pendor jansenista que remonta ao século XVII e está muito presente na obra filosófica de Pascal, um dos autores de eleição de Baudelaire. A tónica em uma predestinação humana para o pecado, e correspondente dúvida sobre a salvação *post mortem*, acompanha com enorme dramatismo a poesia baudelairiana, não tendo paralelo nos outros dois autores.

Em Poe, diversamente, como realça o autor, a morte é em larga medida evocação e metáfora de um grande amor perdido, da saudade e de uma vida que se esvazia de sentido, ao mesmo tempo que estas realidades potenciam aparições de natureza fantasmática, espectral, criando atmosferas suspensas entre o real e o irreal, desenvolvendo para tal uma estética do medo e do mistério, do *suspense* e do difuso, com cenários sombrios, atmosferas tétricas e motivos por vezes macabros. Tais criações são forjadas por estados mentais obsessivos e alucinatórios, ou suspensos de uma realidade sobrenatural de contornos vagos e de genealogia incerta, refletindo estados alterados de consciência provocados por fortes sentimentos de angústia e temor, e à representação dos quais o teatro de Strindberg ou a pintura de Münch e dos expressionistas não terão sido alheios.

A urbe moderna está igualmente presente nas análises dos três autores estudados por M. Amandio, como espaço opressivo e sufocante, de desumanização, de crime e de miséria física e moral, consequência de uma organização social perversa e de uma industrialização que favorecia a segregação e alienação das classes laboriosas. Todavia, o autor salienta, com rigor, a diferente nuance que a urbe assume no romancista russo, na medida em que todo o seu potencial de influências negativas sobre as personagens não pode obnubilar, segundo Dostoïevski, a responsabilidade de cada indivíduo relativamente às suas ações criminosas, ou seja, o fator contextual das personagens não desonera o fator moral, embora possa parcialmente explicá-lo, como o demonstra magistralmente o romance *Crime et Châtiment*.

Ora, se, nos autores em análise, o tema da urbe europeia moderna adquire uma relevância considerável, seja como espaço de anonimato, solidão e socialização fictícia, seja como esteio de desigualdades sócio-económicas muito acentuadas e marginalização de humildes e deserdados, é sobretudo em Dostoïevski e Baudelaire que ela se configura enquanto espaço por excelência de tentação, de aberrações morais e de corrupção dos costumes, como se as personagens nela representadas fossem perdendo a alma, as referências espirituais que as enobreciam, abismando-se no mal, na blasfémia e na revolta.

Estas características são analisadas com propriedade e detalhe no capítulo 4 da obra em apreço, a partir de um vasto conjunto de textos poeanos, mas a perspetiva contrastiva com os restantes autores perde aí algum fulgor. Aliás, esse esbatimento da perspetiva contrastiva entre as diversas características da representação do sofrimento, nos autores convocados, ocorre em outros passos da obra, sobretudo nos capítulos iniciais, surgindo as análises das obras literárias do *corpus*, nesses momentos, mais como blocos paralelos, e

por vezes mesmo estanques, do que como interceções, convergências ou contrastes entre campos semânticos, perspetivas existenciais e visões do mundo e da condição humana.

Por fim, a humilhação social deliberada e o riso sarcástico são vistos pelos três autores como manifestações satânicas e/ou patológicas, embora com ponderação religiosa diferente. Esta vasta secção da obra, consagrada ao fenómeno do riso, constitui um dos melhores contributos analíticos e interpretativos do estudo, não somente para a dilucidação de um fenómeno em si mesmo complexo, mas também para a clarificação das particularidades que o riso configura em cada um dos escritores em causa.

Um outro aspeto interessante, abordado pelo autor, consiste na relação entre a medicina e a religião, perspetivadas como explicações etiológicas do sofrimento. Enquanto em Dostoïevski, como nota M. Amandio, avulta a crítica ao positivismo científico e à insuficiência das explicações médicas do sofrimento, em prol das interpretações cristãs do mesmo, do mesmo modo que em Baudelaire são omnipresentes as suas representações religiosas próximas da ortodoxia católica, para Poe, os procedimentos taumatúrgicos associados a uma espiritualidade mística revelam resultados inacessíveis à ciência, embora sem qualquer relação com a fé num Deus revelado. Claramente, neste ponto, a comparação é distintiva.

As figuras da alegoria e do símbolo, patentes em textos fundamentais de Dostoïevski, Poe e Baudelaire, enquanto representações da experiência coletiva do sofrimento, são analisadas com considerável detalhe e profundidade, assumindo claramente, nos autores russo e francês, a sua genealogia bíblica, ainda que algumas das interrogações que nelas perpassam as distanciem da ortodoxia teológica cristã; diversamente, em Poe, a narrativa da comunidade humana sofredora integra uma forte vertente catastrofista, atuando como veículo de uma hermenêutica e crítica do tecnicismo utilitarista e distópico da época. Neste estudo comparativo, o autor apresenta, com clareza, os fundamentos da mitologia bíblica patente nas obras mencionadas de Baudelaire e Dostoïevski, a par da mitologia cósmica de Poe, associada a um tempo pretérito edénico e a uma temporalidade futura de fusão num além metafísico, o qual nos sugere semelhanças com o nirvana búdico, em consonância com o fascínio pelo longínquo Oriente, tão disseminado nos artistas de oitocentos.

Esta noção de comunidade do sofrimento prolonga-se, orgânica e conceptualmente, na última parte da obra, designadamente na noção de empatia e compaixão pelo outro, analisada nos escritores em causa, nas suas virtualidades e impossibilidades, estas últimas motivadas, em parte, pelo distanciamento social e moral do sujeito poético ou de certas personagens relativamente ao mundo dos outros, quer este distanciamento se centre na sua miséria física e económica no seio de uma sociedade estruturalmente injusta, quer surja das múltiplas formas do mal infligido a outrem. Nas obras citadas do romancista russo, porém, está presente de modo destacado a figura da redenção em vida, pelo perdão e pela

compaixão, enquanto esta surge muito mais raramente nas obras dos autores americano e francês, de acordo com as suas diferentes conceções sobre a metafísica da morte e do além.

Apesar das virtudes amplamente referidas da obra de M. Amandio, e como ocorre com frequência em estudos tão abrangentes, quer pelo período histórico-literário em questão, quer pela amplitude e complexidade da produção literária dos autores convocados, à minúcia descritiva e analítica das representações do sofrimento nas diversas obras literárias que constam do *corpus*, não corresponde, por vezes, uma abordagem hermenêutica que os textos de igual modo exigiriam, e sem a qual resultam mais nebulosos os seus sentidos últimos, presumivelmente associados ao carácter recorrente de certas imagens, motivos, situações, conflitos, interpelações, desejos, temores, ilusões ou irrealizações que atravessam e adensam personagens e sujeitos poéticos, nas obras dos autores estudadas.

Enfim, se o *corpus* convocado para o presente estudo é muito amplo e diverso, tendo o mérito acrescido de ser, no caso de Dostoïevski, citado também na língua original, tal não se verifica relativamente à imensa bibliografia crítica consagrada à obra dos mesmos e consultada pelo autor, como atesta a extensa seleção de obras que consta da Bibliografia. Com efeito, as referências e citações de obras críticas, no corpo do texto, com exceção da Introdução, não são tão frequentes quanto um estudo académico desta amplitude mereceria, enriquecendo-o com hermenêuticas e visões críticas diversas ou, em alguns casos, introduzindo mesmo um contraditório relativamente às perspetivas aqui apresentadas pelo autor. As citações feitas são, na sua maioria, curtas, e as referências a conceitos ou a interpretações, demasiado sucintas ou reportadas às fontes, não introduzindo o tão pertinente diálogo ideológico e crítico que os estudos académicos têm também como missão promover.